



NRRIA

NÚCLEO REGIONAL DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA
Associação de Estudos do Alto Tejo

INFORMAÇÃO
sobre o Estado do PATRIMONIO NATURAL
e PATRIMONIO ARQUEOLOGICO no Enclave
de SALAVESSA-Nisa
(Nordeste Alentejano)

visita ao local
em 26 de Agosto de 1989



COTA 702/903
NÚCLEO ARQUEOLOGÍA
PRE-HISTORIA
REGISTO 478 Fundación P
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE NISA

INFORMACIÓN
ARQUEOLÓGICA

Visita

1. Objeto

2. Atribución

3. Patrimonio

INFORMAÇÃO SOBRE O ESTADO DO PATRIMONIO NATURAL E PATRIMONIO ARQUEOLOGICO NO ENCLAVE DE SALAVESSA-NISA (Nordeste Alentejano)

Visita ao local em 26 de Agosto de 1989

1. Objectivo da visita

Esta visita teve como objectivo a observação de alguns locais do enclave de Salavessa (concelho de Nisa)-, tendo em vista:

- a identificação, com base em informações, de **ninhos de aves protegidas** e avaliação das ameaças pendentes;
- a verificação do estado de conservação de **monumentos e sítios de Interesse arqueológico**, já inventariados

A visita foi suscitada pela expansão da monocultura do eucalipto, que representa uma séria ameaça para o património natural e construído desta região.

2. A área

Denominámos por Enclave de Salavessa um território do Nordeste Alentejano, que integra o Vale do Alto Tejo Português, geograficamente confinado entre o Rio Tejo (limite com a Beira Baixa), o Rio Sever (limite com Espanha) e a Serra de São Miguel. Na parte SE do enclave situa-se Montalvão e junto ao rebordo sul da Serra de São Miguel fica a aldeia de Pé-da-Serra.

Trata-se de um hiato entre três importantes biótopos de reconhecido interesse; as Portas de Ródão (a ocidente), o Tejo Internacional e Planalto de Idanha (a oriente) e o Parque Natural da Serra de São Mamede (a sul).

São diversas as razões que fazem desta área, e do concelho de Nisa em geral, um campo de expansão da monocultura de eucalipto. Para controlar minimamente a situação, e condicionar o alestramento caótico das plantações, o município fez aprovar recentemente um Plano de Ordenamento Florestal.

Os primeiros eucaliptais foram instalados pela PORTUCEL, na parte leste do enclave. Actualmente é a SOPORCEL-EMPORSIL que incrementa a plantação de eucaliptos, sobretudo na área de Salavessa e Pé-da-Serra.

3. Património Natural: avifauna

Procurámos nesta deslocação confirmar as informações sobre a existência de 1 ninho de abutre-do-Egipto (*Neophron percnopterus*) e de 1 ninho de cagonha-negra (*Ciconia nigra*) na região de Salavessa.

Ao mesmo tempo, tentámos avaliar os factores de perturbação que poderão condicionar a presença das aves na zona.

Apesar da época não ser propícia, recolhemos alguns dados que julgamos de interesse.

3.1. Abutre-do-Egipto (*Neophron percnopterus*)

O ninho fica situado numa pequena escarpa xistosa localizada na margem esquerda de um ribeiro afluente do Tejo. O seu acesso é relativamente fácil.

O ninho é conhecido dos habitantes da zona e aparentemente deve ser visitado durante a época de cria.

Segundo as informações recolhidas, a espécie nidifica no local há mais de 3 anos.

Na visita que efectuámos pudemos ver indícios claros de ocupação no presente ano (penas e dejectos) e observámos uma ave em voo.

3.1.1. Factores de perturbação

1. Junto ao ninho existe uma fonte que, numa zona tão seca e árida, deve ser relativamente frequentada.
2. A existência, nas imediações, de um pequeno açude com peixe deve atrair alguns pescadores em especial durante a Primavera e Verão, períodos críticos para a espécie.
3. Grande parte da zona envolvente encontra-se coberta já por grandes extensões de eucaliptos. Muito em breve, as poucas áreas de mato que ainda restam irão ser também florestadas. Os eucaliptos ocuparão então uma mancha contínua de grandes dimensões o que poderá comprometer decisivamente o futuro da espécie na região.

3.2. Cegonha-negra (*Ciconia nigra*)

O ninho fica situado numa pequena escarpa xistosa na margem direita do Tejo. É relativamente acessível de barco.

A sua localização é bem conhecida dos habitantes da região.

Pelo que ouvimos a espécie é respeitada mas o ninho deve ser tradicionalmente visitado.

Há dois ou três anos atrás capturou-se aí um indivíduo que foi mantido semi-domesticado em Salavessa.

No presente ano, pelas informações recolhidas, nasceram quatro crias. Por causas desconhecidas apareceu uma ave morta nas proximidades do ninho.

3.2.1. Factores de perturbação

1. Atendendo a que são aves sensíveis, que suportam mal a presença do Homem, as visitas frequentes ao local poderão condicionar o êxito da reprodução.
2. A projectada florestação de grande parte do Vale do Tejo, em particular entre as Portas de Ródão e o Tejo Internacional, poderá comprometer irremediavelmente o futuro da espécie na região.

3.3. Considerações

A florestação da zona com eucaliptos é neste momento o problema mais grave que se coloca não só para as espécies mencionadas mas para toda a fauna da região.

Atendendo à forte pressão exercida pelas empresas de celulose, só medidas concretas, a muito curto-prazo, poderão obstar a que toda a região se transforme num enorme eucaliptal.

Tendo em conta os valores faunísticos, paisagísticos e arqueológicos, seria de toda a conveniência embargar os projectos de florestação que se preparam, em particular no Vale do Tejo.

A manutenção de um **corredor ao longo do Tejo** -entre as Portas de Ródão e o Tejo Internacional-, se bem que não resolva completamente o problema, poderá constituir um importante primeiro passo para a defesa do património natural da região.

(HC)

4. Património Arqueológico

Quisemos visitar em primeiro lugar alguns dos locais onde nos anos 70 foram identificados, por membros desta associação, diversos monumentos e sítios de interesse arqueológico, nomeadamente monumentos funerários do tipo dolménico (HENRIQUES, 1980 e CANINAS, 1987).

Desde o alerta que lançamos em 1984 ao Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul, a propósito da destruição da necrópole dolménica do Sever, pela PORTUCEL, e depois do pedido de intervenção, do mesmo serviço, tendo em vista a protecção da anta da Tapada do Muro (Pé-da-Serra), deixámos progressivamente de ter conhecimento das diligências desenvolvidas por aquele serviço na salvaguarda daquele património arqueológico.

Também desconhecemos as medidas empreendidas, nesse sentido, pela Câmara Municipal de Nisa.

Estabelecidas que foram outras prioridades, na actividade desta associação, deixámos, nos últimos anos, de dedicar a nossa atenção à região de Salavessa. Estava realizado um inventário preliminar do seu património arqueológico, o qual foi comunicado à respectiva câmara municipal, bem como aos serviços competentes do IPPC-Instituto Português do Património Cultural.

Alertados para as ameaças pendentes sobre o património desta região, em particular pela expansão da monocultura de eucalipto -pouco consentânea com a conservação de "espaços construídos", pela forma como o solo é preparado para a cultura-, decidimos fazer uma primeira visita à área, com vista a avaliar a situação, os estragos já produzidos e as ameaças previstas no curto prazo.

Assim, e em referência aos sítios visitados, passamos a descrever aqui o que observámos.

1. Anta do Pêgo do Bispo (fig. 1-66)

Apresenta-se tal como a encontramos nos anos setenta, bem conservada, ainda que envolta por um denso matagal, que a torna imperceptível. Situa-se numa cumeada muito estreita, em solo xisto-grauvácico. Está sobranceira ao Tejo, junto à foz do Ribeiro do Feverlo.

Dos monumentos que vimos na região é um dos que apresenta maior interesse científico, dado o estado de conservação da estrutura e do enchimento, reforçado pela existência de um monólito tombado sobre a câmara, de certa forma selando o seu conteúdo.

Seria lamentável, sobretudo neste caso, deixar destruir o monumento, o que pode vir a acontecer -atendendo às características do coberto vegetal (estevas e algumas oliveiras abandonadas)-, com uma plantação de eucaliptos. Alguns metros a norte foi aberto há alguns anos um caminho de terra, praticando ambos os flancos da cumeada.

2. Anta da Terra do Atalhinho (fig. 1-25)

Este monumento do tipo dolménico, com uma câmara poligonal de cinco esteios, foi recentemente arrasado durante a preparação do terreno para uma plantação de eucaliptos. Situava-se numa pequena chã, de baixa altitude relativa, na margem direita do Ribeiro do Feverlo, frente à Penha do Bufo.

Espalhados pelo solo ainda se podem observar os restos dos esteios da câmara, entre os quais uma grande pedra de cabeceira.

3. Anta 1 e anta 2 do Barro da Bica (fig. 1-23 e 24)

Não houve oportunidade, nesta data, de nos deslocarmos aos locais destes monumentos. Contudo, observámo-los à distância, a partir da margem direita do Feverlo. Também daquele lado existem já vastas áreas eucaliptadas pela SOPORCEL. Constatámos que, pelo menos a anta 1 do Barro da Bica, foi certamente destruída pelas plantações, a menos que tenha havido intervenção dos Serviços ou do Município.

4. Anta do Cabeço da Águia (fig. 1-27)

Suspeitamos que este monumento (pequeno dólmen com câmara e corredor) está abrangido numa propriedade de cerca de 100 hectares, que se desenvolve ao longo do Tejo (Tapada do Tejo), a montante da foz do Ribeiro do Feverlo, e que irá muito brevemente ser preparada para a plantação de eucaliptos, ao serviço da SOPORCEL.

Requere-se, neste caso, a actuação imediata das entidades competentes, por forma a evitar mais uma destruição.

5. Anta da Terra do Sobreirão e anta da Terra da Azinheira (fig. 1-28 e 31)

Encontram-se tal como as vimos pela última vez, há mais de dez anos. Tratam-se de dois dólmenes de tamanho médio, com câmara e corredor. Têm beneficiado do facto de se situarem em área de olival, em terrenos de areias (arcoses da Beira Baixa), tendo sido conservados pelos proprietários, por uma questão de tradição, mas também pelo facto de não terem ocorrido alterações drásticas do coberto vegetal, nem recurso a maquinaria pesada.

A anta da Terra do Sobreirão (também chamada Terra do Salgueiral ou Cabeço da Conheira) situa-se junto do marco geodésico SOBREIRÃO.

6. Anta 1 e anta 2 do Cabeço das Taipas-Monte Rolo (fig. 1-39 e 40)

Ao deslocarmo-nos à foz do Ribeiro do Ficalho, no Tejo, observámos, à distância, os cumes do Cabeço das Taipas, onde nos anos setenta identificámos os monumentos acima indicados. Esses cumes também já se encontram ocupados por eucaliptais da PORTUCEL, pelo que não é difícil prever a destruição dos monumentos ali existentes.

7. Anta do Cabeço Lélé (fig. 1-35)

Este monumento, em bom estado de conservação, poderá encontrar-se em situação de risco; há eucaliptais previstos para as proximidades. A situação exige contudo averiguação mais precisa.

8. Anta da Terra da Frágua (fig. 1-36)

O que se disse a respeito da anta do Cabeço Lélé, aplica-se igualmente a este caso, talvez mesmo com maior urgência. Este monumento situa-se num topo sobranceiro à ponte sobre o Ribeiro do Feverlo (estrada Salavessa-Pé-da-Serra). Nos anos setenta servia de suporte a um abrigo de pastor, construído com pedra, em falsa cúpula.

9. Castelos de Cima e Castelos de Baixo (fig. 2-A)

As informações que temos, quanto à instalação de plantações de eucaliptos na margem esquerda da Ribeira de São João (limite SE do concelho de Nisa), levam-nos, também, a admitir a destruição dos dois povoados proto-históricos acima mencionados.

10. Povoado do Bronze Final da Serra de São Miguel (fig. 2-B)

As plantações que se têm vindo a instalar nas encostas da Serra de São Miguel (cremos que ao serviço da SOPORCEL), no seu troço meridional, por pouco não atingiram os dois núcleos de habitat (?) deste povoado.

11. Povoado da Charneca de Salavessa (fig. 2-C)

Pensamos que a Charneca de Salavessa, a exemplo do que sucede em todas as Charnecas de Fratel (e confirmado por escavação em dois locais-SOARES, 1988) poderá conter um extenso povoado pré-histórico (Neolítico-final/Calcolítico), afim do Megalitismo local. Recolhemos no passado indícios disso no extremo sul da Charneca (HENRIQUES, 1980), por cima da Fonte da Feia. Nessa data a plataforma já se encontrava coberta por uma grande mancha florestal de pinheiro. O local merece uma prospeção minuciosa em toda a sua extensão, visto se tratar, com toda a probabilidade, de um povoado aberto e disperso. As novas plantações deverão ser condicionadas a essa prospeção prévia.

Considerações finais e propostas

1. Propomos ao **IPPC-Instituto Português do Património Cultural** que providencie, junto das empresas de celulose com interesses na área, a salvaguarda dos monumentos e sítios já inventariados, e de outros ainda não identificados, face a novas plantações.

2. Chama-se a atenção, em particular para uma plantação que está prevista, no curto prazo, para a Tapada do Tejo, na margem esquerda do rio, entre o Ribeiro do Feverlo e o Ribeiro do Ficalho.

Solicitamos também à **Câmara Municipal de Nisa** que verifique se este projecto está ou não de acordo com o Plano de Ordenamento Florestal municipal.

Ao **Instituto Português do Património Cultural** solicitamos que evite a destruição dos monumentos arqueológicos ali existentes em particular a Anta do Cabeço da Águia.

3. Entendemos que todas as plantações projectadas para o topo (planalto) da Charneca de Salavessa deverão ser condicionadas a prospecção prévia e sondagem.

4. Propomos que o povoado da Serra de São Miguel seja classificado como valor local ou valor regional, criando-se para o efeito uma área de protecção/enquadramento, até à base do relevo.

(JC e FH)

Referências Bibliográficas

- HENRIQUES, Francisco J. R. e J. C. Pires CANINAS (1980)- **Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa(1)**, PRESERVAÇÃO, 3, Vila Velha de Ródão.
- CANINAS, J.C. Pires e F. J. Ribeiro HENRIQUES (1987)- **Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa**, Actas das I Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano, Castelo de Vide- 1985.
- SOARES, Joaquina (1988)- **O Povoado da Charneca de Fratel e o Neolítico Final/Calcolítico da Região de Ródão-Nisa**. Notícia Preliminar, ALTO TEJO, nº 2.

5. Conhecimento

Esta informação é comunicada:

- ao Director do Departamento de Arqueologia do IPPC-Instituto Português do Património Cultural;
- ao Presidente do **SNPRCN-Serviço Nacional de Parques Reservas e Conservação da Natureza**;
- ao Presidente da **Câmara Municipal de Nisa**.

João Caninas
Helder Costa
Francisco Henriques

membros do **NRIA-Núcleo Regional de Investigação Arqueológica**
-Associação de Estudos do Alto Tejo

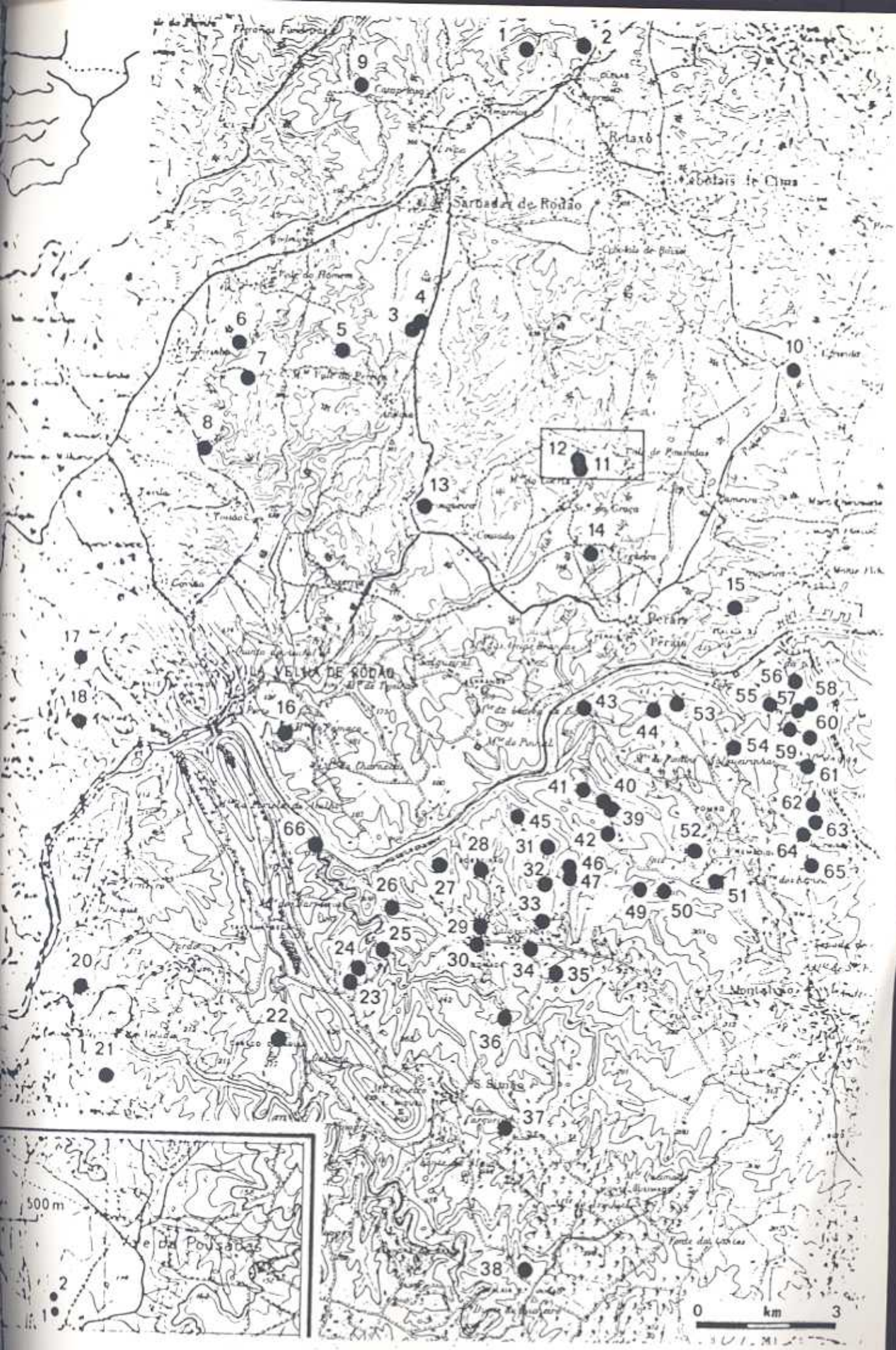


FIGURA 1

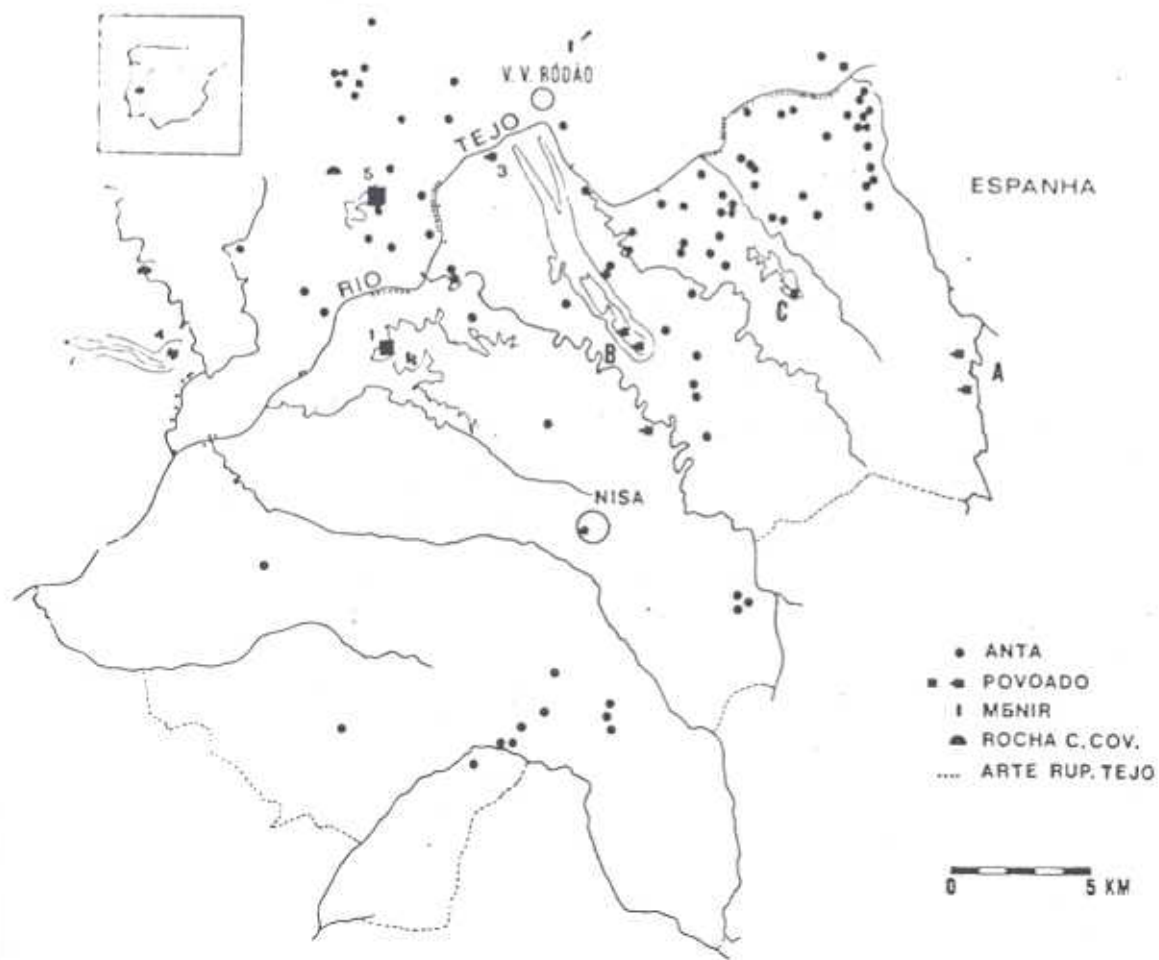


Fig.2: Situação do concelho de Nisa e dos monumentos aí localizados.

• O POVOADO DA CHARNECA DE FRATEL E O NEOLÍTICO FINAL/CALCOLÍTICO DA REGIÃO RÓDÃO-NISA - Notícia Preliminar

Joaquina Soares
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal

Introdução

A região de Ródão-Nisa, inscrita na mancha xisto-grauváquica ante-ordovícica do maciço antigo, de relevo amesetado e intensamente dissecado, encontra no Tejo e na dupla crista quartítica ordovícica de Ródão (sinclinal alcandorado, com um comando de 200m acima da plataforma xisto-grauváquica, estrangulando o rio na aberta garganta epigénica das Portas de Ródão) os principais elementos organizadores da paisagem e aglutinadores de uma região cultural.

Os trabalhos de levantamento e estudo do complexo de arte rupestre do Vale do Tejo, descobertos em 1971, com cerca de 20 000 gravuras distribuídas em ambas as margens do rio, a montante da Ribeira de Pracana, sobretudo nas estações de Ocreza/Gardete, Chão da Velha, Fratel, Cochão do Algarve, Lomba da Barca e S. Simão, vieram revelar o maior santuário peninsular e afirmar a existência de uma região cultural com ca. 8 000 anos de diacronia, desde o Epipaleolítico ou mesmo finais do Paleolítico Superior até ao final da Idade do Bronze ou alvares da Idade do Ferro.

Repositório de segmentos materializáveis de sucessivas superestruturas mágico-religiosas que elegeram o Tejo como factor organizador do espaço físico e mitológico, este complexo de arte rupestre apela à investigação de outros sectores de actividade humana, indispensáveis à recomposição das formações económico-sociais que o produziram.

Francisco Henriques e João Caninas, numa perspectiva globalizante, prospectaram intensamente a região, identificando numerosos dólmenes e povoados que vieram dar corpo a uma coerente distribuição espacial dos testemunhos arqueológicos atribuíveis à Pré-história Recente.

As escavações realizadas na Charneca de Fratel surgiram, assim, na sequência dessa prospecção e no quadro de um projecto de investigação dirigido para o estudo do processo de calcolitização do Sul de Portugal em que estamos empenhados. De sublinhar que o Tejo não se comporta, neste período, como fronteira; afirmação apoiada não só pelo complexo de arte rupestre mas também pela uniformidade do padrão de povoamento detectado em ambas as margens do Tejo.

Parece-nos particularmente sugestiva a criação, por Amorim Girão, de uma região de transição entre o Alentejo e a Beira, percorrida pelo Tejo, a que justamente chamou Beira Alentejana.

As escavações na Charneca de Fratel vieram abrir caminho ao conhecimento do povoamento do Neolítico final/Calcolítico da região Ródão-Nisa com características específicas, deixado cerca de 30km para SE o povoado de Vidais, em Marvão, claramente integrável no fácies calcolítico do SW.

As escavações deverão prosseguir, em extensão, no povoado de Fratel, estando previstas ainda intervenções restritas em outros povoados, nomeadamente São Pedro e Feia, uma vez que os elementos fornecidos pela prospecção de superfície são pouco significativos e essas jazidas se encontram ameaçadas de total destruição pelo plantio de eucaliptos.

Povoado da Charneca de Fratel

A primeira campanha de escavações (*) realizada na Charneca de Fratel, com o apoio da Comissão Nacional para o Ano Europeu do Ambiente, iniciou-se em Setembro de 1987 e concluiu-se em Agosto de 1988. Foi promovida pelo Núcleo Regional de Investigação Arqueológica e pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal sob a direcção de Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, coadjuvados por Francisco Henriques e João Caninas. Contou-se também com a colaboração da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão.

Os dados fornecidos pela escavação encontram-se ainda em estudo, pelo que nos limitaremos a apresentar resultados muito sumários.

Na Charneca de Fratel foi possível identificar estratigraficamente três ocupações pertencentes à Pré-história Recente apesar da erosão e da agricultura/silvicultura ali praticadas (podemos remontar a utilização agrícola recente do planalto ao séc. XVII).

A mais antiga ocupação corresponderá ao Neolítico final e é a que tem maior desenvolvimento em superfície; a segunda foi considerada do Calcolítico e está confinada a um sector mais restrito do planalto. A terceira fase de ocupação humana forneceu raro espólio, possui carácter marcadamente episódico, sendo por enquanto impossível precisar a sua cronologia.

O povoado ocupou uma superfície de aplanamento, culminante (cota 320m), coberta por cascalheira quartzo-quartzítica, pliocénica. A área daquela superfície é de cerca de 19ha. Durante o Neolítico final a ocupação humana dispersou-se pelo vasto planalto, de forma descontínua (núcleos habitacionais com estruturas de combustão de tipo "empedrado").

As cerâmicas são maioritariamente lisas; de salientar a existência de taças de rebordo espessado internamente, tipo comum nos contextos coevos do grupo do SW; estão presentes vasos carenados com decoração impressa, tão comuns nos grandes monumentos megalíticos de câmara poligonal e corredor do Norte do Alto Alentejo (distrito de Portalegre).

A indústria lítica apresenta afinidades com as de contextos do Neolítico final da Extremadura e do SW (lâminas de sílex retocadas, raspadores sobre extremidade de lâminas; pontas de seta de base côncava; instrumentos de pedra polida de secção transversal rectangular). Os elementos de mó manuais, de xisto-grauvaque, são particularmente numerosos.

O povoado situa-se numa mancha de solos litólicos não húmicos e solos mediterrâneos vermelhos da classe D (cascalheiras com intercalações argilosas), nas proximidades de uma mancha de solos mediterrâneos-pardos de xisto-grauvaques com aptidão agrícola da classe B, numa região onde são quase exclusivos os litossolos da classe E, de fraquíssimo valor agrícola (de ressaltar a possibilidade de ocorrência de fenómenos erosivos intensos, em períodos recentes). Aqueles solos da classe B, férteis, situam-se, em geral, em situação de vale e parecem-nos os únicos adequados a uma agricultura intensiva.

No sopé da Charneca de Fratel, a SE, corre o Tejo, bebedouro de caça e fornecedor directo de alimentos (presença de pesos de rede).

Uma necrópole megalítica, ainda por estudar sistematicamente, dispersa-se em torno do povoado.

(*) Financiada ao abrigo do Projecto "Paleoantropologia e Paleoecologia no Alto Tejo Português", proposto por J. Caninas, F. Henriques e João Luis Cardoso.

A localização do povoado, em posição culminante, parece adaptar-se bem a uma economia agro-pastoril que explorava amplo espectro de recursos naturais de acordo com o respectivo desenvolvimento tecnológico (agricultura intensiva nos solos férteis próximos do povoado; criação do gado em regime extensivo nos terrenos mais pobres; caça e pesca na dependência do Tejo; exploração de fontes de matéria-prima local para a produção de indústria lítica e, muito provavelmente, de indústria cerâmica, facto que indicia uma tendência para a autosuficiência do povoado) no quadro de uma acentuada tendência para a sedentarização.

A implantação na paisagem observada no povoado de Fratel não surge como uma situação isolada mas repete-se nos povoados de Peroledo, Cabeço da Velha, S. Pedro, Feia. Podemos mesmo tentar definir um modelo de ocupação humana, para o Neolítico final da região Ródão-Nisa, com as seguintes características:

- Existência de territórios organizados pelos povoados; estes localizam-se em extensas superfícies de aplanamento, culminantes (entre 350 e 250m de altitude), coberta por depósitos de cascalheira quartzo-quartzítica, considerados pliocénicos;
- Localização dos povoados na proximidade das raras manchas de solo fértil (classe B) em situação de vale;
- Povoados ocupados de forma descontínua, em núcleos dispersos, com estruturas de construção de tipo "empedrado" (observadas em Fratel e Cabeço da Velha);
- Necrópoles dolméticas com sepulturas dispersas relativamente aos povoados que parecem exercer sobre elas efeito centrípeto;
- Núcleos de arte rupestre estruturados pelo Tejo e principais afluentes, distribuídos de forma descontínua, no sopé dos diversos povoados. De um modo geral, os vários núcleos registam longa permanência dos grupos humanos na região, nomeadamente o "santuário" de Fratel que regista um longo ciclo artístico que remonta ao Epipaleolítico.

A ocupação calcolítica da Charneca de Fratel não introduz rupturas, quanto ao espólio cerâmico, relativamente à ocupação anterior. Domina a cerâmica lisa, sendo frequentes as ânforas fechadas. Não se encontrou ainda qualquer peça de cobre.

A estratégia de povoamento sofre contudo alguma alteração em relação à da fase anterior. A área habitada, mais concentrada, situa-se agora no sector do planalto com melhores condições de defesa e de onde se observa um ponto que deveria ser nevrálgico em termos de circulação - as fortalezas do Ródão. É construída uma espessa muralha (2m de largura) onde foi identificada uma entrada, defendida por um grande bastião semi-circular, sistema defensivo filiável na tipologia das fortificações calcolíticas do Sul da Península (fácies do SE, SW e Extremadura).

A matéria-prima necessária à edificação da base da muralha (xisto-grauvaque e raros xistos quartzo-quartzíticos) foi obtida no vale do Tejo (presença de grandes placas de grauvaque com rolamento) e na cascalheira. Também as mós foram executadas sobre xisto-grauvaque. A moagem parece ter sido uma importante actividade.

A parte superior da muralha terá sido construída com argila (presença de restos de adobes queimados).

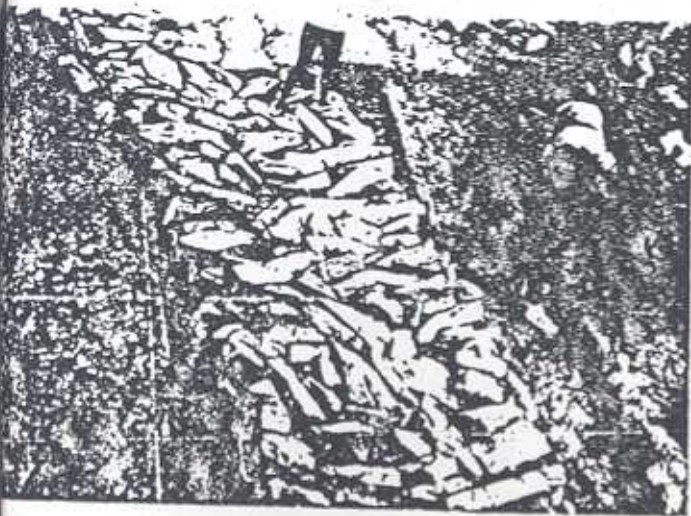
O espaço funerário parece aproximar-se do doméstico. Uma mamoa é construída em um dos sectores do planalto, não ocupado por funções habitacionais durante o Neolítico/Calcolítico.

No "santuário" de Fratel gravam-se então, entre outras, formas esquemáticas, círculos radiados, que de certo modo rompem uma longa tradição de imagética naturalista.

o Calcolítico da Região Ródão-Nisa apresenta traços de afinidade com outros fácies do Alentejo do Sul de Portugal no que respeita a aspectos tipológicos do espólio móvel, a aspectos religiosos, e no que concerne à morfologia genérica da fortificação. No entanto, é nos que a especificidade da ocupação humana do Neolítico final/Calcolítico da região Nisa aponte no sentido da definição de um fácies cultural distinto, questão que terá por objetivo de ficar em aberto.

Bibliografia

- * CANINAS, J. e HENRIQUES, F., 1987. Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa. Actas das I Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano, Castelo de Vide.
- * CANINAS, J. e F. HENRIQUES, F., 1987. Megalitismo de Vila Velha de Ródão e Nisa. Arqueologia no Vale do Tejo, Lisboa.
- * CARDOSO, J.L., SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C., 1987. Oeiras Há 5 000 Anos, Oeiras.
- * Carta dos Solos de Portugal, Folha 288, Esc. 1: 50 000, 1969, SROA.
- * Carta de Capacidade e Uso do Solo, Folha 288, Esc. 1: 50 000, 1969, SROA.
- * GOMES, M.V., 1987. Arte Rupestre no Vale do Tejo. Arqueologia no Vale do Tejo, Lisboa.
- * ISIDORO, A.F., 1966. Escavações em dolmens do concelho do Crato (Alto Alentejo). Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Fasc. 1-2, vol. XX, Porto.
- * ISIDORO, A.F., 1973. Escavações em dolmens do concelho do Crato (Alto Alentejo)-V. Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia, nº 17, Porto.
- * LULL, V., 1983. La "Cultura" de El Argar (Um modelo para el estudio de las formaciones económico-sociales prehistóricas), Madrid.
- * MONTEIRO, J.P. e GOMES, M.V., 1978. Os Menires da Charneca do Vale Sobral (Nisa). Revista de Guimarães, vol. LXXXVIII.
- * RIBEIRO, O. *et al.*, 1965. Carta Geológica de Portugal, Notícia Explicativa da Folha 28-B, Nisa.
- * TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., 1984. A Estratêgia do Povoamento dos Chãos de Sines durante a Pré-História. Volume d'Homage au Géologue Georges Zbyszewski, Paris.
- * TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., 1986. Arqueologia da Arrábida, Lisboa.
- * TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., 1988. O Povoado Fortificado da Idade do Cobre do Monte da Tumba (Torrão). Cinco Anos de Escavações Arqueológicas. Movimento Cultural, nº 4, Setúbal.
- * TAVARES DA SILVA, C., 1982. O Megalitismo e os Primeiros Metalurgistas. História de Portugal, vol. I, Publ. Alfa, Lisboa.
- * TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., 1977. Contribuição para o Conhecimento dos Povoados Calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. Setúbal Arqueológica, Vol. II-III.
- * TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., 1986. Pré-história da Área de Sines, Lisboa.



Um aspecto da fase final das escavações na Charneca de Fratel, com a muralha à vista.

